

DNA do racismo¹

O no mínimo desrespeitoso comportamento do senador republicano Joe Wilson ao xingar de “mentiroso” Barack Obama durante um pronunciamento que o presidente fazia ao Congresso sobre a polêmica reforma do sistema de saúde americano estampou a contaminação racista no cerrado ataque que a casa branca enfrenta no debate sobre o tema. Coube ao ex-presidente Jimmy Carter colocar os pingos nos is e denunciar o viés racista na discussão.

Pois é deste país — em que o preconceito racial é parte da formação da sociedade, tanto que aflora de tempos em tempos — que, com o apoio do governo, insiste-se em importar para o Brasil um sistema de cotas criado pela história e realidades americanas. Enquanto no Senado encontra-se em fase de discussão um projeto de inspiração racialista de reservas de vagas no ensino superior em função da cor da pele, acaba de ser aprovado na Câmara dos Deputados o Estatuto da Igualdade Racial. Originado de projeto do Senador Paulo Paim (PT-RS), o Estatuto passou pelo Senado e chegou para o exame dos deputados com propostas agressivas: cotas para negros em peças de publicidade, novelas, filmes, mecanismos para facilitar a

¹ Editorial publicado em **O Globo** de 22/09/09, pag. 06.

legalização de ditos quilombos, e assim por diante. Alguns desses dispositivos foram retirados, mas outros, mantidos, como a revisão do currículo escolar para ser inoculado o conceito de raça — rejeitado pela ciência — na história do Brasil e África, e a imposição ao sistema público de saúde da idéia de “doenças de negros” — também contestada tecnicamente. Institui-se, ainda, a concessão de incentivos a empresas que mantenham 20% de “negros” nos quadros. Se o Estatuto pode ter sido desidratado de algum teor tóxico, seu DNA racialista — inconstitucional, ao discriminar cidadãos pela cor da pele — continua intacto. E por isso precisa ser rejeitado no retorno ao Senado, ou, caso sancionado, terá de ser argüido perante o STF.

O erro na aceitação de teses racialistas é duplo. Ao importar o modelo de uma sociedade construída sobre raças — mesmo nos EUA as cotas têm sido contestadas — e para um país cuja formação é outra, centrada na miscigenação. A Pnad, do IBGE, é cabal: de 2007 para 2008, caíram de 7,5% para 6,8% da população os que se autodeclaram “negros”, aumentou a proporção dos que se veem “pardos” (de 42,5% para 43,8%), e encolheu a parcela de “brancos”: 49,2% para 48,4%. Somo s cada vez mais miscigenados. Por isso é um desvario injetar nesta sociedade o vírus do racismo